

PRÁTICAS DE LEITURA: UM OUTRO MODO E UM OUTRO LUGAR*

Noara Pedrosa LACERDA^v
Manassés Morais XAVIER^v

RESUMO

A leitura é também uma ferramenta de inclusão social e contribui, através da formação crítica e efetiva, para diminuir as desigualdades sociais, além de simbolizar, no contexto do *whatsapp*, a constituição de outros espaços como o digital em face da pandemia e em função da leitura em momentos de ensino híbrido e da cultura do ciberespaço. Principalmente sobre o viés desta nova cultura do uso de espaço virtual como lugar de convivência, esta discussão se propõe trazer um olhar sobre a constituição do sujeito através da prática leitora em espaços digitais, especificamente o grupo de *whatsapp* –Leitura que Liberta do Círculo de leitura, imaginação e cultura (CLIC). Compreender a prática de leitura e os sujeitos ali inseridos e fora dali engajados sob o ato da leitura faz-se necessário para vislumbrar outros modos e lugares de leitura neste tempo. Perceber a prática leitora sob o viés do ato responsável e de um lugar de alteridade, conforme teoria de Bakhtin e seu círculo é um viés caro a esta discussão que, representa uma ação e um estudo a partir das vivências de leitura e escrita com o círculo CLIC. Portanto, apontar para uma prática de leitura como ato responsável e evento que se abre aos diferentes formatos de ler na Era digital, que olha para esta prática através da relação de alteridade entre os sujeitos, entre estes e os objetos de sentido na arte, na vida e, por isso, na sociedade, certamente é curioso e necessário às transformações fortuitas na educação.

Palavras-chave: Leitura. Sujeito. Dialogismo. Alteridade. Ciberespaço.

* Artigo recebido em 19/06/2022 e aprovado em 11/07/2022.

^v Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCAR). Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação Linguagem e Ensino (UFCEG). E-mail: pedrosanoara@gmail.com.

^w Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PROLING). Professor no Programa de Pós-graduação Linguagem e Ensino (UFCEG). E-mail: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br.

1 A LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE SI E DO OUTRO NO CIBERESPAÇO

Os estudos sobre práticas de leitura e ciberespaço têm permitido perceber que os atos humanos e o contexto histórico imediato sempre determinam e determinarão a cena e seu sentido. Nesta perspectiva, os conceitos trazidos pelo Círculo de estudos bakhtinianos e refletidos em diferentes estudos de pesquisadores brasileiros, principalmente os que têm se debruçado em investigações que alertam e alegam os olhares sedentos por compreensão sobre o ensino, em especial sobre a leitura como ato responsivo e responsável têm fomentado ares diferentes quando se considera a sociedade e a cibercultura, esta compreendida por “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p 22), que ainda traz a concepção para o ciberespaço como resultado “de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem.” (LÉVY, 1999, p 16)

Kleiman (1989, p. 65) diz que “o leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto”, uma relação de alteridade que compreende o ato de ler também como evento de sentido para si e para o outro. A ideia é lançar um olhar de vivência para a constituição do sujeito através da prática leitora em espaços digitais, especificamente o grupo de *whatsapp* –Leitura que Liberta – para discussão sobre as leituras do grupo que se formou a partir do desejo de manter e estender os diálogos sobre os círculos de leitura mesmo antes da pandemia e que ocorrem a cada quinze dias, aos sábados, através da sala do *meet*. E nesta perspectiva, refletir sobre a constituição do sujeito leitor em espaços digitais/virtuais (**grupo de *whatsapp* Leitura que Liberta**¹), especificamente com o círculo de leitura CLIC (Círculo de leitura, imaginação e cultura), possibilitado pela arquitetura eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim.

¹ O grupo de Whatsapp Leitura que Liberta é composto por alunos do ensino médio integrado e professores do IFPB Campus Princesa Isabel, Esperança, João Pessoa, professores da UFCG campus Campina Grande, graduandos e professores do curso de Letras da UFRPE. Embora a idealização do grupo tenha sua origem numa ação de leitura presencial ocorrida quando eu lecionava no IFPB campus Princesa Isabel, o espaço foi aberto e mantido com alcance a todos que o conhecessem e se interessassem, por isso tem ampliado seu corpo sempre que haja desejo desde 2019.

Neste percurso de reflexão, quer-se também compreender o grupo de *Whatsapp* como espaço da palavra e para a palavra, e isto permite à leitura mais uma oportunidade de destaque, de REconstrução e REformulação de práticas reflexo da fortificada cultura do ciberespaço, que hoje é a arena das relações diversas e na pandemia se consolidou ainda mais e amplamente às relações de ensino e busca de aprendizado ou até simples informação e comunicação rápida e mais direta. Para Bakhtin/Volochinov (2006, p. 66) a palavra se apresenta, portanto, como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória.

A palavra revela-se ainda, no momento e modo de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais e históricas que a permeiam e, desta forma, pensar o Círculo de leitura, imaginação e cultura (CLIC) – grupo de leitura que engloba estudantes do ensino médio e superior em busca de leitura diversa - , inserido no espaço de *whatsapp*, é também observar a arena, as lutas que proporcionam a (des)construção do sentido de palavras que vivem, geram vida e das práticas leitoras como ato de ser e dizer no mundo contemporâneo.

A discussão aqui proposta é conduzida pelo tom valorativo de quem integra o CLIC o espaço de discussão sobre as leituras no *whatsapp*, permitindo ao sujeito leitor e pesquisador lançar dizeres que representam e se fundamentam através do **saber de experiência** preconizado por Larrosa (2002), além de expressar o fato de que a enunciação no grupo Leitura que Liberta (CLIC) contribui para o acabamento parcial, sempre em metamorfose, do sujeito leitor nos meios digitais, além de tomar o próprio *whatsapp* como espaço de leitura e de alteridade, uma arena contextualizada pelo aspecto sócio-cultural contemporâneo.

Como o próprio Bakhtin (2010) afirma sobre a enunciação, nunca se repetirá, será sempre novo e diferente, será aquele e não outro sentido. Portanto pensar a leitura num outro lugar e de outro modo tenta preencher, de certa forma, os vazios existenciais desta prática quando se pensa que leitura prática de ensino deve dá em sala de aula ou na incômoda ideia ainda sustentada de que os jovens não gostam de ler.

A prática de leitura em outro espaço e de outro modo impulsiona refletir sobre a constituição do sujeito leitor em espaços já ocupados pelo jovem e pelos professores, principalmente, durante a pandemia, nas plataformas educacionais e

redes sociais, como o *whatsapp*. Amplia-se, dessa forma, a discussão sobre leitura, leitor e objeto de leitura ideal ou que se cristalizou nos currículos escolares, o que move questões de práticas leitores em outros espaços e moldes. A leitura como objeto de interação social, como produto social e cultural, como meio e como ato reflete mais claramente as transformações sociais, históricas e tecnológicas que o mundo dispõe e propõe.

Segundo Marchezam (2013, p. 86) “o estudioso situado em seu lugar e tempo **dialoga** com os textos, sua época, suas formulações, para compreendê-los e compreender o homem”. Nesta perspectiva, a relação entre o eu e o outro, imediatamente situada no tempo e no espaço, certamente permitirá compreender e depreender a constituição daqueles sujeitos através da leitura diversa no espaço digital do círculo de leitura no grupo de *whatsapp* que, por sua vez, é um espaço passível também de leitura em virtude de sua composição dialógica com própria essência da comunicação e das redes sociais.

1.1 OS ENUNCIADOS NO *WHATSAPP* COMO LUGAR DE DIZER E SER

As discussões, enunciados, produções textuais e partilhas de textos no grupo Leitura que Liberta (*Whasapp*) fornecem subsídios que apresentam outro ângulo sobre as práticas de leitura e as formas de leitura fora do ambiente escolar, e nesta perspectiva, a constituição do sujeito leitor naquele espaço e tempo. Nos estudos do círculo de Bakhtin, há certa ênfase ao apresentar o modo como uma fortuita compreensão do texto literário requer um deslocamento fora da literatura, ou seja, um olhar exotópico, que pode ser orientado pelos mais variados horizontes, nesta perspectiva, portanto, a constatação sobre as primeiras impressões a cerca dos enunciados concretos presentes nas mensagens no grupo e sobre a enunciação que incorpora e se desenvolve no grupo Leitura que liberta, depara-se com o movimento exotópico, um dos tentáculos que constitui aqueles sujeitos nos círculos de leitura do grupo no *whatsapp*, assim como há outra compreensão à cerca da leitura enquanto prática social ou e escolar.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo (BAKHTIN, 2011, p.373- 374).

Neste entendimento, Bakhtin (2011) lança uma discussão, entre outros pontos, sobre relações dialógicas e conduz uma reflexão sobre o excedente de visão que somente a relação com o outro consegue fundamentar. A exotopia proposta por Bakhtin (2011) remete à possibilidade de responder na vida e na arte, e responsivamente ser e agir no mundo. Assim, olha-se para o grupo Leitura que Liberta como espaço de ser, compreender, agir, sempre na relação com o outro que podem ser os sujeitos leitores e o próprio objeto-espaço de comunicação.

Hoje, com o amplo acesso aos meios digitais, principalmente nhoque concerne à rede de *whatsapp*, busca-se entendimento a cerca das diferentes práticas leitores que se desenvolveram com o advento das mídias digitais, além de compreender a constituição deste novo sujeito leitor. Este outro espaço de ser e agir através da leitura também funciona como o outro que dialoga com o eu que compreende a leitura a partir daquele novo modo e a ressignifica enquanto ato e enquanto evento social e cultural fora do quadrado da escola e do currículo.

Pode-se depreender que os enunciados presentes no grupo de *whatsapp* sobre as leituras literárias ou não-literárias realizadas apresentam marcas, em vista de que toda linguagem (discurso) é de natureza responsiva, sobre as práticas de leitura atuais, sobre os tipos de leitura e sobre os sujeitos leitores, que de certa maneira apagam as designações professor/aluno, transformando todos em leitores num novo espaço para leitura, espaço também passível de leitura. Assim, pode-se dizer que o grupo Leitura que Liberta tem aspecto democratizador.

Talvez um equívoco presente no currículo nacional seja apresentar a leitura, sem propriamente compreender o leitor situado na sociedade e na história e, por isso, a importância de observar as vozes sociais, os deslocamentos ou apagamentos que são constitutivos naquele espaço e com aquele discurso de leitura que liberta em outro lugar e de outro modo.

Enfim, há um ponto que chama a atenção nesta perspectiva de uma leitura que liberta, principalmente quando se pensa o que ou de que se poderá libertar. Mas, para trilhar um percurso de compreensão, é relevante não perder de vista outros pontos, como o outro modo e o outro lugar de leitura que se coloca o sujeito leitor atual. No *whatsapp* o sujeito leitor pode ser e dizer de um modo único, singular e representativo de quem é no mundo da cibercultura e das relações em redes sociais. Ali, consegue-se ler, compreender e expressar com mais possibilidades e

palavras múltiplas de sentido, pois o poder de REsignificação é ampliado e o leitor é convidado a dizer algo diferente sobre como e o que compreende sobre leitura e como é possível ser leitor no mundo virtual que também é real.

2 A FILOSOFIA DA LINGUAGEM, O SUJEITO, A LEITURA E A CIBERCULTURA

O princípio dialógico expresso por Bakhtin(2010, 2011) e seu círculo revela o eu e o outro numa relação de linguagem que condensa, reflete e alarga a vida. A dialogia é sempre atividade do diálogo que compreende dois campos de visão, compreensão e sentido – o eu e o outro – em um campo socialmente organizado de interação linguística. É pela palavra que os sujeitos se confrontam, participam da vida e entoam suas visões de mundo, na mesma proporção que compreendem, são compreendidos, significam e dão significado, assim a leitura é um ato e um vento pelo qual o sujeito entoa a vida através da arte, da ciência e de outras áreas do conhecimento. Os estudos bakhtinianos vêm dizer que “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 41) e isso reflete a leitura como possibilidade inacabada de ser e dizer na vida e na arte e no grupo de *whatsapp*.

Quando se levantam reflexões sobre leitura e sujeito em espaços virtuais, quer-se compreender as atividades de linguagem e seus contextos imediatos, além de observar as transformações e os símbolos constituídos pela educação formal. Freire (1996, p. 15) afirma que “a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.” Neste mesma perspectiva o autor levanta que o processo de compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura e simples da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se amplia na compreensão do mundo do leitor. Esta compreensão coloca em evidência, também, o comportamento dos interlocutores na interação, os espaços de interação, as escolhas linguísticas por isso tão importante quando se fala da constituição do sujeito leitor e leitura em espaços digitais. Para a visão dialógica, o locutor constrói seu enunciado em função do interlocutor, que tem um papel ativo constitutivo na

formulação dos enunciados, além da alteridade estabelecida pelos sujeitos com outros sujeitos, objetos e palavras.

É importante ressaltar que é o **Outro** quem reflete e refrata o que o **Eu** diz e, desse modo, ambos são colocados no mesmo plano de linguagem, de interação que só existe na reciprocidade do diálogo e, que se caracteriza pela diversidade de movimentos e modos de significar. A teoria dialógica da linguagem proporciona uma análise das práticas leitoras como fenômeno heterogêneo, vivo, variável e flexível, sempre situadas em contextos sócio-históricos.

A leitura enquanto atividade humana peculiar, que se realiza pela interação do autor/leitor/texto e que também exige relação com os valores sociais inerentes a cada sujeito particular e no seu contexto social e histórico, é esta leitura que liberta e amplia as possibilidades do ser leitor. Nessa perspectiva, a leitura é interação e compreensão responsiva, que a produção de sentido resulta das múltiplas formas de ver e de ser do sujeito leitor no mundo e não apenas dos modelos de leitura impostos nos currículos ou atividades preestabelecidas em materiais didáticos.

Para tal posicionamento, considera-se que a prática de leitura, em especial no espaço digital do *whatsapp*, é um processo dialógico e exige que também se considere o sujeito leitor e seu contexto imediato, pois é responsivamente e responsabilmente que os sujeitos se propõem a ler naquele espaço, é o ato de ler ali e não em outro lugar que o faz único e o ato, conforme Bakhtin (2010, p.11) “é um sinal ético no qual o sujeito se revela, se mostra e se constitui na sua integralidade e singularidade.”.

Além disso, pesquisas que envolvem estudos sobre ambientes virtuais estabelecidos como espaços de aprender e ensinar e, ainda mais, como lugar de educação formal e multiletramento são fontes importantes para o que se almeja compreender quando se pensa a leitura de outro modo e em outro lugar. Xavier(2020, p.53) contribui, neste sentido, com reflexões que provocam e fertilizam o processo de compreensão da leitura enquanto ato responsivo, responsável quando afirma que “A percepção do significado, convocando signos ideologicamente situados, sintetiza a essência do que podemos definir como leitura: substantivo que nomeia um ato, o ato de ler, de compreender.” Esta posição provoca ainda mais quando se pensa que a escolha do espaço digital do *whatsapp* para

partilhar e discutir leituras já é em si uma leitura de mundo, uma escolha da palavra, uma tentativa de dizer e um sentido na arena da palavra outra e da compreensão.

A leitura no grupo de *whatsapp* nos permite tocar nos signos ideologicamente situados do mundo digital que refletem e refratam a realidade sócio-histórica da cibercultura. Em Marxismo e Filosofia da linguagem, Bakhtin/Volóchinov (2006), discute-se que o signo ideológico é ao mesmo passo reflexo da realidade e fragmento material dessa realidade, ou seja, é um fenômeno do mundo exterior e, neste sentido, a sua natureza é objetiva.

O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (...) esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.34)

O espaço do *whatsapp* é construído a partir de signos e por enunciados concretos que o compõem e produzem sentidos por palavras, atos e até omissões. Escolher estar naquele espaço virtual e torná-lo espaço de discussão sobre leituras é, em si mesmo, um ato ideológico, responsivo e responsável, é um ato de leitura de mundo e no mundo da tecnologia da informação e da cultura da internet.

Compreender a leitura e o leitor fora do espaço escolar e distante dos materiais didáticos ainda causa estranhamento, mas já é uma realidade para muitos jovens e adultos que se viram cada vez mais imersos na cultura digital nestes últimos tempos, com reforço durante o atual período de pandemia. Outro fator interessante a ressaltar é o fato de ler no espaço do *whatsapp* reproduz o imediatismo já posto na sociedade e permite compartilhamento do texto literário ou não de modos diversos: digitalizado na íntegra, em PDF, *prints*, memes que remetem ou representam o texto original. Estas novas formas de compartilhamento do texto literário ou não-literário têm mostrado, entre outros aspectos, como uma maneira mais democrática e barata de acesso à leitura. Como reforça Xavier (2020, p.67), pensar o leitor dentro e fora da escola incita reflexões que vêm “(des)naturalizando práticas, (re)vendo concepções”.

Assim como as novas, mas nem tão novas assim, formas de comunicação e os meios usados para tal atividade servem como modos de interação constituídos a partir das necessidades humanas no meio social, a leitura está para este processo

de adequação ou transformação nas atividades dos sujeitos sociais. Neste sentido, as leituras de Sousa e Castro (2013, p. 49) corroboram dizendo que “[...] As práticas de leitura, como não poderia deixar ser, evoluem conforme as transformações da sociedade, e, assim, também muda-se a própria concepção de leitura.”

A prática de leitura no *whatsapp*, naturalmente, incorpora os princípios das tecnologias da comunicação e da informação já consolidados na sociedade e destacadas nos textos dos documentos oficiais como BNCC, quando se refere à leitura como ferramenta de interação e que contemple a diversidade cultural. Na Era da tecnologia, vive-se a cultura do livro (digital, *online*, *e-books*, *kindle*), mas ainda parece distante a ideia de práticas de leitura como possibilidade do outro em mim ou de si mesmo no outro, práticas que incorporem e se abram às realidades e vivências dos sujeitos leitores socialmente engajados, assim mostra-se a provocação e reflexão sobre o lema com uma leitura que liberta no grupo de *whatsapp*.

3 PALAVRA É ARENA, É PROMESSA DE OUTRA PALAVRA

A palavra como mini arena é um conceito apresentado pelo círculo de Bakhtin, quando estabelece uma visão de luta travada entre interlocutores e encontram na palavra a possibilidade de responder socialmente e historicamente. A palavra é a promessa de outra palavra que não só responde como determina uma infinita eloquência pra o sujeito que age e vive no mundo. Nesta proposição “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim num extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN;VOLOCHINOV, 2006, p. 113). Quando se considera a palavra como arena, compreende-se como território comum dos interlocutores que a buscam como suporte de suas existências em assim, é a leitura, pois esta traz em si e por si só o potencial da palavra outra e da minha palavra.

É importante ressaltar aqui, mesmo a esta altura da discussão, que esta discussão tem fundamento numa pesquisa de estágio pós-doutoramento que teve parecer aprovado, conforme Comitê de Ética da UFCG. Dito isto, caminha-se para refletir propriamente sobre os enunciados dispostos no grupo Leitura que Liberta, contemplando uma discussão sobre um dos objetos mais clássicos da leitura- o **livro**. A discussão ocorrida no período de setembro a dezembro de 2021, pode

fornecer uma clareza sobre aquilo que se propõe neste texto que é olhar para a prática leitora em outro lugar e de outro modo.

Embora apresente-se apenas um recorte, observar os enunciados concretos naquele espaço do whatsapp ajuda a mergulhar nas construções, leitura, linguagem e contemplar o processo de constituição do sujeito leitor à luz dos estudos bakhtinianos sobre, dialogia, linguagem, ato responsável, exotopia e sujeito. Além disso, é importante observar outro percurso para compreensão do ato de leitura como ato responsivo e distinto daquele realizado no ambiente escolar. Falar de leitura aparentemente é falar da mesma atividade de ensino que há anos é explorada, mas é diferente porque envolve sujeitos situados historicamente e imersos na cultura digital que ganhou novos ares durante a pandemia. Portanto, é o diferente e o mesmo comungando nas relações de sentido construídas no espaço digital que já se mostrava consolidado neste século para muitos, mas que, na pandemia, passou a ser mais explorado e (re)conhecido como fonte e meio frutífero para interação social até pelos mais resistentes às tecnologias. Dessa forma, o novo se instaurou e permitiu outras possibilidades às diferentes formas de interação, como a leitura.

Para esta discussão, partilha-se uma interação ocorrida no grupo Leitura que Liberta, no *whatsapp*, no mês de outubro de 2021, fundamentada por uma conversa em torno de **considerar ou não o livro como uma obra de arte**. Certamente, será revelador lançar os diferentes olhares sobre como e o que os sujeitos ali envolvidos compreendiam por livro, este símbolo tradicional e elitizado da leitura, além de percorrer um pequeno trecho nas linhas desta arena da palavra na vida. E não menos importante é fundamental abrir a compreensão ao fato de que o grupo de *whatsapp* em si é um espaço de linguagem e significação, constituído através da necessidade comunicativa de sujeitos, uma arena que simboliza o embate da palavra outra no jogo do querer dizer de cada um e de todos.

3.1 O ENUNCIADO CONCRETO E SUAS INDICAÇÕES DE SUJEITO E DE SENTIDO

O (re)conhecimento do sujeito leitor como um ser constituído na relação com o outro, com a sociedade, com a história e a cultura, desmistifica o discurso de que

os jovens não leem mais, pois estes leem de outro modo e em outros lugares que não somente a escola. Além disso, refletir em torno de (des)construir a visão sobre o ato de ler mecânico e limitado aos fins escolares, de certa forma, colabora também para a transformação das práticas de leitura na perspectiva da sala de aula somente. Sujeitos que têm acesso à leitura, de forma diversa, conseguem compreender e estar no mundo de forma mais claramente colaborativa e transformadora, ou seja, uma leitura que liberta e este conceito permeia a Base Nacional Comum Curricular, ao menos em tese.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que as leituras propostas no círculo de leitura CLIC, no grupo de *whatsapp* e fora dele, contemplam não só a leitura literária, mas a leitura em sua diversidade e potencialidade, desconstruindo a concepção de leitura ideal ou dos clássicos vigente nas escolas. Xavier (2020, p. 70) reforça a perspectiva de uma prática leitora emancipatória quando fomenta uma reflexão de “que na escola é preciso sair de modelos de leitura que (em)formam as práticas, [...] a escola necessita investir em práticas de leitura que se abram para as vivências sociais dos alunos.” [...], portanto, olhar para uma leitura que por lema ou definição de perfil no *whatsapp* se diz libertadora é, no mínimo, curioso e requisitante.

A discussão que segue fotografa um dos vários momentos de **diálogos dialógicos**, se puder ser redundante, que surgem no grupo e representa esta arena que embate, que encontra, desencontra ideias, discursos, palavras outras que são palavras nossas e compuseram cada sujeito leitor na relação dentro do grupo e fora dele também. Deve-se alertar que as mensagens foram recortadas tal como aparecem no grupo, respeitando a cronologia da discussão ou conversa sobre o tema, dessa forma, as mensagens que intercalaram as conversas e não referenciavam o tema/questão discutida, não foram contempladas:

1. Quadro com a sequência de conversa:

[09:24, 08/10/2021] ☐: Bom dia, mileus pares!!!!
 [09:24, 08/10/2021] ☐: * meus
 [09:27, 08/10/2021] ☐: Quero lancar uma inquietação literária, filosófica e humana aqui para pensarmos:
 O que torna um livro uma obra de arte?
 [09:27, 08/10/2021] ☐: ☐
 [09:33, 08/10/2021] ☐: Quando pensei nisso, estava remoendo minhas leituras de Guimarães

Rosa (sou apaixonada e vejo nas obras dele, todas, uma criação de simbologias e sentidos que configuram um quadro humano universal , mesmo partindo de personagens e espaços do sertão. Quando o leio e releio, sinto como se estivesse olhando para um quadro da vida.

[09:34, 08/10/2021] XXXXXXXX: Eu considero os que tem mais teor literário, e não informacional □

[09:35, 08/10/2021] XXXXXXXX: Mas acho que é difícil um conceito certo

[09:36, 08/10/2021] XXXXXXXX: Acho que é algo mais particular... o que pode ser arte pra mim não é para você. Mas no meu caso um livro corresponde a uma obra de arte quando me toca de algum modo, vai além de meras palavras e eu levo para vida.

[09:37, 08/10/2021] XXXXXXXX: Que reflexão!

[09:41, 08/10/2021] XXXXXXXX: A capacidade da obra de promover reflexos sobre a realidade vivenciada pelo leitor. Ao meu ver essa relação construída entre a obra produzida, o autor e o leitor abre portas para reflexões complexas que evidenciam a construção do eu incompreensivo.

[09:41, 08/10/2021] □: estou relendo para uma discussão e quando cheguei a este ponto, parei na imagem : " viver é um rasgar-se e remendar-se" e assim estou até agora, olhando para esta imagem

[09:43, 08/10/2021] XXXXXX: Não cheguei a ler livros dele, mas já tive contato com alguns escritos nas redes sociais.

[10:08, 08/10/2021] XXXXXXXXXX: Então isso é uma discussão bem complexa ao meu ver. Pois a gente acaba entrando na questão do cânon literário. Na verdade, eu tenho um estranhamento ao pensar o livro como uma obra de arte, não por ele ter menos valor, mas porque não sei se está seja uma classificação que lhe caiba. Explicarei, de certa forma falta uma materialidade no livro, pois o livro nos leva para espaços de abstração, enquanto que o conceito de obra literária ainda remonta certos aspectos mais concretos do fazer artístico. Para mim uma obra de arte está amparada na materialidade visual, sonora, algo mais concreto, enquanto que a literatura como um todo caminha para outro espaço de nosso ser. Por exemplo, embora que tenhamos o juízo de valor, já pontuado por Kant, a obra de arte, você g...

[10:13, 08/10/2021] □: essa é a intenção kkkkk divagar, provocar, pensar..e sua percepção e embasamento são válidos e têm sustentação teórica.... mas, todavia, embora, contudo.... sempre fale a pena refletir de outros lugares ou até ultrapassar as teorias....

[10:15, 08/10/2021] □: gostei quando nos fez pensar em obras (livros) que têm outras formatacoes

[10:28, 08/10/2021] XXXXXXXX clic: Acho que o que torna o livro uma obra de arte é a forma de como o autor expressa seus pensamentos e emoções através da escrita

Quando cada sujeito envolvido no diálogo se posiciona a partir da provocação sobre a ideia de livro, remonta sua experiência com o símbolo do livro e de modo preciso com a leitura, além de resgatar conhecimentos sobre o tema, estabelecendo uma ponte entre aquilo que sente e conhece sobre o objeto de leitura, aquilo que já leu e aquilo que gosta de ler. O leitor diz e sente, usando a palavra sua e do outro para descrever sensações, experiências a partir de uma leitura que o impulsiona a pensar sobre a leitura e o objeto simbólico como arte e então o leitor diz “ Quando o leio e releio, sinto como se estivesse olhando para um quadro da vida.” Esta palavra retoma o livro de Guimarães Rosa e lança uma memória literária e afetiva sobre a experiência de leitura com a obra do autor.

Outro ponto importante nos enunciados que atesta a discussão foco deste texto permite tocar no outro modo e lugar aonde a leitura se dá neste tempo e os moldes para constituição desse sujeito leitor que lê de outro modo e em outro lugar, mas que o ler, compreende, lança outros sentidos àquilo que a leitura lhe propôs e se mostra como possibilidade de representar esse sujeito engajado historicamente. O querer dizer do sujeito que afirma não conhecer certo autor, mas que o reconhece por recortes de sua literatura veiculada em redes sociais: “Não cheguei a ler livros dele, mas já tive contato com alguns escritos nas redes sociais.”, atestando aqui o outro lugar onde se dá a leitura e outro modo, através de trechos escritos em redes sociais.

Ler, portanto, é lançar luz sobre si mesmo no evento da vida, é buscar compreender a palavra outra que é sua também na cadeia infinita de sentido e que marca o que e quem pode ser na construção do sentido. E esta leitura, sim, tem poder de libertar e ampliar o potencial desta arena que é a palavra.

Lendo, adquirimos saber; ora, saber é poder, e essa verdade se afirma dia-a-dia no tipo de sociedade em que vivemos, uma sociedade em que a informação é decisiva. Houve um momento em que o texto escrito parecia ter sido deslocado pela cultura da imagem, na medida em que a tevê tinha um número crescente de espectadores. Mas então surgiu o computador e a Internet, e a tela já não era mais só o território da imagem, o texto voltava a ela com força total. Hoje há cada vez mais jovens diante de telas onde estão não imagens, mas palavras e mensagens, decodificadas por meio da leitura. (SCLiar, 2008, p. 39).

Scliar(2008), em O poder simbólico da leitura, remete a este outro lugar que se abriu e hoje é consagrado para a leitura também, um simbolismo da leitura digital e que se torna cada vez mais próximo e interligado pelo símbolo da leitura para o crescente grupo de jovens e adultos **antennados e conectados** pela rede no *whatsapp*, “...é o fato de que leitores, mesmo distantes no tempo e no espaço, formam uma família, uma verdadeira irmandade” (SCLiar, 2008, p.39)

4 A LEITURA DEVE SER UMA EXPRESSÃO DIVERSA

O ato de ler, no grupo Leitura que Liberta, dentro do espaço de *whatsapp*, começa desde sua composição enquanto comunidade virtual voltada à atividade de compreensão, de vontade de ser leitor, dizer algo sobre a leitura e escrever um outra história sob o viés do ato de ler nas suas histórias. Neste sentido, Lévy (2009, p.

133) afirma que “uma comunidade virtual é formada a partir de afinidades e de interesses de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” e, apesar das relações serem virtuais, as emoções não se excluem, pois naquele espaço são determinadas as condutas e os códigos que fundamentam as relações e delimitam as partilhas. Então, constitui-se no ciberespaço, um lugar para o novo modo de leitura.

A imagem do perfil de *whatsapp* compõe o querer dizer do grupo e é uma das formas de manifestar aquilo que os identifica: as ações, os atos, as preferências, os objetivos do grupo que é um todo, mas também é cada um que o compõe. A escolha e expressão de uma imagem no perfil condensam o que o grupo acredita ser seu propósito, mas também lança ao outro um tom emotivo, um valor que joga com a necessidade de dizer e escutar sobre a leitura, além de marcar sua identidade enquanto grupo e sujeito coletivo.

Imagem 1: Imagem do perfil no grupo de Whatsapp Leitura que Liberta.



Fonte: Medeiros (2019/2020).

A imagem do perfil do grupo traduz a questão levantada pelos leitores em sua fundação em 2019, ainda nos muros do campus Princesa Isabel, estabelecer a leitura como ato libertador. A concretização do desejo de ler sem as amarras das atividades escolares e poder participar democraticamente das escolhas sobre as leituras a serem exploradas tem sido a pedra angular que sustentou e ainda sustenta os eventos de leitura e as ações no grupo - à exemplo dos círculos de leitura e discussão quinzenais via *google meet*, quando textos diversos, obras,

poemas, memes são lidos, discutidos e lançados no grupo de *whatsapp* como vozes contínuas que podem ressoar novos sentidos sobre as leituras realizadas.

O perfil do grupo foi construído a partir de um rascunho elaborado por Eren, membro do CLIC em 2019 e que durante uma exposição do círculo de leitura a uma turma do curso do Ensino Médio integrado a Edificações, representou a grafite numa folha de seu caderno, o que um grupo de leitura significava. A seguir, mostra-se o rascunho ainda em elaboração, pois a imagem 1 (um) representa o perfil já modificado graficamente por outro membro, Deyvison Medeiros, que a digitalizou, coloriu e inseriu marcas representativas do mundo digital/virtual.

Imagem 2: Rascunho autoral para perfil elaborado por integrante CLIC



Fonte: Eren(2019).

Leitura informa, transforma, emociona, remonta e constrói memórias. E esta deveria, ao menos, ser uma experiência de satisfação e condução de saberes, localizada onde os sujeitos se encontram e sentem afinidade. Portanto, o perfil trata também da identidade de um sujeito coletivo que também é individual e deseja reescrever o espaço e o modo de leitura fora e dentro da escola. E assim, resgatamos Scliar (2008, p.40) quando oferta a imagem de uma leitura que tem potencial transformador, em si e ao outro, inerente à história, à cultura, à sociedade e à inovações tecnológicas.

A casa da leitura tem muitas portas, e a porta do prazer é das mais largas e acolhedoras [...] O simbolismo que envolve a leitura mudou muito ao longo dos milênios [...]. Mas a leitura continua sendo um ato simbólico. Simboliza aquilo que a humanidade tem de melhor. (SCLIAR, 2008, p.40)

A escolha das palavras, das imagens, a construção do signo **leitura que liberta**, o resgate de outros signos na cadeia infinita do sentido, tudo isso marca o sujeito leitor e chama outros leitores à responsividade naquele espaço de dizer que é o *whatsapp*. E convida para ao encontro que expande e traz prazer por ser exatamente uma construção elaborada por sujeitos leitores e agentes na vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com leitura na sala de aula e fora dela, sempre tem provocado incessantes discussões durante a história da educação, seja em busca de compreender este evento de modo buscar uma evolução dos trabalhos com leitura na sala de aula, seja para alimentar o mercado do livro, mas nem sempre se encontram estudos que contemplem os sujeitos leitores e sua relação com o ato de ler.

Um ponto importante deste diálogo gira em torno da leitura a partir de outro ângulo – o sujeito leitor e outros espaços para leitura. Circundar o modo de dizer, o querer dizer dos interlocutores nos enunciados no círculo Leitura que Liberta, dentro de um grupo de *whatsapp*, oferta uma compreensão muito particular sobre o sujeito leitor e a situação concreta e única da interação verbal em tempos de cibercultura e ciberespaço. Tudo isso, faz desta discussão um momento com potencial de transformação ao pensar os processos de produção de sentido, circulação e interpretação de textos literários e não-literários que não correm de maneira linear e homogênea na sociedade, são históricos e partem sempre de um já-dito, um texto retoma outro, sempre numa correlação infinita.

O (re)conhecimento do sujeito leitor em espaços de *whatsapp*, desmistificando o discurso de que os jovens não leem, colabora de algum modo para a transformação das práticas de leitura na perspectiva da sala de aula, ampliando a prática leitora e as possibilidades de leitura, esta é a tentativa e o querer dizer deste primeiro momento. O sujeito leitor faz parte do evento de leitura e sobre o ato de ler é sujeito agente e paciente, capaz de compreender e ser compreendido, refletir e refratar sentidos na vida, na arte, no ato de ser leitor. Esta será uma palavra sobre a leitura como evento e como ato responsivo e responsável,

uma palavra preenchida por tons emotivos e que reclama por outros dizeres sobre a leitura.

READING PRACTICES: ANOTHER WAY AND ANOTHER PLACE

ABSTRACT

Reading is also a social inclusion tool and it contributes, through critical and effective educational background, to the decreasing of social inequality. Besides that, it symbolizes, on the WhatsApp context, the setting up of other digital spaces owing to the pandemic and in function of reading moments in the hybrid teaching and of the cyberspace culture. Mainly under the perspective of this new virtual space culture as a place of coexistence, this discussion has the aim to bring a look on the formation of the subject through reading practices on digital spaces, specifically on the WhatsApp group called Leitura que Liberta do Círculo de leitura, imaginação e cultura - CLIC. It is vital to understand the reading practice and the subjects engaged with this usage, those who are both inserted or not in this habit, to glimpse other ways and spaces of reading in times of a pandemic. Based on Bakhtin's theory, an important outlook for this discussion, to recognize the reading practice under the viewpoint of a responsible act and the otherness place speaks for an action and studies from the reading and writing experiences with the CLIC community. Hence, point to a reading practice as a responsible act and an event that opens to different reading ways in a digital Era, that looks to this practice through the otherness relation among the subjects, among these and the sense objects in art, life and, thus, in society, it is certainly curious and needed to fortuitous transformations in Education.

Keywords: Reading. Subject. Dialogism. Otherness. Cyberspace

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail, VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução ao russo Paulo Bezerra; 6ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. **Questões de literatura e estética**: Teoria do romance. São Paulo, Hucitec Editora. 2010, 143.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática docente**. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

GEGe/UFSCAR. **Palavras e contrapalavras. Cotejando a vida na estética do cotidiano**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 5ª Ed, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GIROUX, Henry. Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas; de práticas a objetos. In: **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Trad. João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas - SP, Departamento de Linguística. Revista Brasileira de Educação. 2002

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

MEDEIROS, Deyvisson José de. **Imagem do perfil no grupo de Whatsapp Leitura que Liberta**. Perfil whatsapp. 2020.

MEDEIROS, Eren. **Rascunho autoral para perfil grupo Leitura que Liberta**. Grafite, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1987.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo**. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos. Pedro & João Editores, 2013. 415p.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola**: um estudo das práticas de leitura literária na formação da comunidade de leitores. Tese de doutoramento. São Paulo. 2006.

PAIVA, Aparecida. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso em 13 de dezembro de 2016.

SCLIAR. Moacyr. **O valor simbólico da leitura**. In: AMORIM, Galeno (Org.). Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SOUSA, Maria Ester Vieira de; CASTRO, Nathalya Moreira Lima Correa. Histórias e práticas de leitura de alunos no ensino médio. In: SOUSA, Ester Vieira de.(Org). **Leitura: entre proibições, desejos e encantamentos**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013, p. 49-86.

XAVIER, Manassés Morais. **Educocomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020.256p.